Jasmim Manga

DA PRAÇA

CINTHIA LUCIA

Ano 2024

Jasmim Manga

DA PRAÇA

CINTHIA LUCIA

Ano 2024

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva da autora, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos a autora, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

Jasmim Manga da Praça

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Andria Norman
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: A autora
Autora: Cinthia Lucia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C575 Cinthia Lucia
Jasmim Manga da Praça / Cinthia Lucia. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2349-2
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.492240503

1. Linguagem e línguas. 2. Letras. 3. Artes. I. Cinthia Lucia. II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Eu, Cinthia Lucia

Tem mais do que eu imaginava.
Poucos sabem,
mas guarda uma memória afetiva que me faz bem.
Esse ano vou assinar assim,
para manter na lembrança
a melodia pela qual só o pai me chamava.

A tia orgulha-se da escolha.
Conta que,
na maternidade,
sugeriu a combinação.

Isso porque, na igreja que congregava
havia menina de mesmo nome.
A mãe gostou e o pai batizou.

O nome duplo foi precaução para evitar homônimo.
Afinal, Oliveiras nascem em penca.

Raros me reconhecem por essa rima
e, na saudade do pai,
deixarei que o verso me chame.

A vocês, escrivinhos de prosa e poesia meus.

SUMÁRIO

MARGARIDAS DA IVONE 1
A CULINÁRIA ADVERTE 2
CASTIGO PÓS-MODERNO 3
COPO DE VITAMINA 4
BALADA SENTIMENTAL 5
CORUJA 6
PORVIR 7
GUICHÊ ENGUIÇADO 8
JASMIN MANGA DA PRAÇA 9
COPO DE ÁGUA FRESCA 11
CAIO 12
LUCAS 13
THIAGO 14
MUDAS DE IPÊ 15
OITENTA TIROS 16
ESTAÇÃO 17
8 DE MARÇO 18
PESO DE MULHER 19
RUGAS DE PREOCUPAÇÃO 20
ROSA É ROSA, AZUL É AZUL 21
RETRATO DE MARIA 22
SANTA DO CHAVEIRO 23
CIRANDA 24
TIA LURDINHA 25
VALE NADA ESSA VALE 26
EM ABRIL, ABRIU 27
BILBOQUÊ 28

SUMÁRIO

PRESENTE DE VIZINHA 35
DE GRAÇA 37
O PEIXE....................39
FLASHDANCE....................40

MARGARIDAS DA IVONE

Posam na rua Rio de Janeiro e me desaceleram o passo.
Conta Dona Ivone que carrega as margaridas
há incontáveis anos.
Já trocou de casa por vezes e, na bagagem,
a muda da mesma flor.
Conservar a beleza dos brotos, ela explica,
requer cuidado insistente.

Hoje Dona Ivone é viúva,
o filho único mora longe.
Escolheu permanecer sozinha
e vive da hospedagem de quartos em sua casa,
ofício que herdou de mulheres da família.

Era para ser uma terça feira qualquer,
mas o canteiro daquele jardim me presenteou com odores de outrora
e coloriu de recordação o quintal da Vó Quita,
lugar de roubar Margaridas,
as mais belas,
e fazer buquê para a mãe.

A CULINÁRIA ADVERTE

Costumo me observar nas plantas.
Quando meus vasos murcham,
é sinal de que algo não vai bem.
E corro regar a vida para acordar os brotos,
decoro o lábio com batom para chamar as flores
e me cubro de amarelo para seduzir o sol.

Hoje, no preparo de um bolo,
contemplei meu reflexo na assadeira.
É que há massas coradas,
que estufam de transbordar.
Outras encruam,
não fazem fome a ninguém.
As mais danadas enganam,
se exibem perfeitas e,
ao serem tiradas da forma,
desmancham-se em farelos.

A culinária adverte!
Vez ou outra,
antes de virar tudo de cabeça para baixo,
melhor descansar a massa cinzenta
e deixar esfriar um bocadinho.

CASTIGO PÓS-MODERNO

Ouvi de uma mãe que tentava alimentar o filho:

- Come depressa menino!

- Não como!

- Então vou colocar seu quarto no *Airbnb*.

COPO DE VITAMINA

Personalidade dos filhos em um copo de vitamina:

- Meninos? Vocês querem leite com banana?

- Eu quero!

- Ah mãe... Se você fizer eu tomo.

- Olha, eu não vou estar negando.

BALADA SENTIMENTAL

Meu avô e meus tios maternos eram músicos “de cordas”.
Um deles, ainda vivo,
toca samba e valsa de cavaquinho.
Os outros morreram cedo, quando eu era garota,
e me ofertaram de herança a grata cantiga de seus afetos.

Na cidade onde cresci, estudar instrumento era regalia para alguns.
Por sorte, fiz amizade com uma menina que aprendia violino.

Quarta feira era dia de ensaio da orquestra
e de voltar do colégio com ela.
Carona que me levava a um concerto por semana
e minha colega, que já era grande,
ficava imensa naquele palco.

Quando cheguei ao interior, descobri que na cidade havia escola de música municipal.
Regalia para todos!
Meus filhos e eu estudamos ali.
E a sonoridade virou o socorro da casa,
curativo de silêncio e descompasso.

Porque na partitura a gente se toca, se canta, se dança.
A gente se embalança.

CORUJA

A caminho do trabalho, um imprevisto:
na ponta do galho seco,
judiado por vendaval da estação,
sutil, pousa sabedoria!
Anúncio de virada do tempo.

PORVIR

Adiante, feixes de luz,
abastecendo coragem e esperança.
Pôr de sol inspirador nesta tarde fria.

GUICHÊ ENGUIÇADO

Eu fiquei bem brava mesmo!
Pudera.
Fui à rodoviária comprar passagem e estavam "sem sistema".

Voltei para casa e fiz pela internet com pagamento de taxa extra devido à comodidade do serviço.
Na sequência, recebi e-mail do site de passagens informando que a compra falhou e que demorariam 3 dias para o estorno do valor.

Comprei de novo, por outro site.
Voucher salvo no celular!
No dia da viagem, cheguei à rodoviária com bastante antecedência.
Segui ao guichê para fazer a impressão do ticket.
Um aviso: agência "fora do ar".

Fila imensa:
a senhora que não achava o dinheiro, a garota que perdeu o documento, o rapaz em dúvida sobre o horário a embarcar.
Corri no ônibus e avisei o fiscal:
- Me espera! To quase...
- Fica tranquila. O carro não sai sem você.

Chegou minha vez,
enquanto o papel saía da máquina, o atendente levou a mão à testa:
- Olha lá! Seu ônibus está saindo.
Corri até a plataforma e, nem sinal do carro que ia me aguardar.

Para encurtar a história, me deram outra passagem, sem custo adicional, para dali alguns minutos.
Mentira, o ônibus atrasou mais uma hora e eu tinha um compromisso importante na cidade de destino.

De madrugada ele chegou.
Nesse instante, o marido que assistia a tudo de perto, arregalou o olho:
- Amor! Você vai de ônibus Leito!
Rimos até.

JASMIN MANGA DA PRAÇA

6 da tarde (noite???)
Todos despediram-se e eu fiquei para o trabalho da noite - escrever!!!
Antes, tomei café com biscoito enquanto pensava no jasmim-manga da praça, aquele que eu cobiçava mudinhas.
Traguei o último gole - fraco e morno.
Da mesa, peguei faquinha de serra e um saco plástico.

Desci a rua central que levava ao destino da flor.
Pensei em perguntar ao homem se podia apanhar três galhos.
O Guarda não estava.

Olhei para cima por vezes, matutava como alcançar.
As pessoas trombavam apressadas.
Lembrei-me da escada do teatro, aquela que o iluminador usava para ajustar o foco.
Estaria por lá a estas horas?

Não. Sentado na cadeira da entrada só o Tico, que eu nem conhecia.
Contei minha história a ele,
e o Tico, sensível que é, achou a ideia bacana e topou a aventura de pronto.

Pegou a banqueta que tinha e foi comigo até a praça.
De cima, o Tico arrancava os melhores troncos que alcançava.
De baixo, eu o segurava para não cair.

Na volta, ele contou que as quaresmeiras que plantou por todo o bairro de sua casa começaram a dar brotos.
Eu já estava entusiasmada com minhas ramas,
e fiquei deslumbrada ao imaginar a rua colorida do Tico.

Nos despedimos no semáforo e, ao retornar ao texto, reparei, em meio aos gravetos colhidos,
uma solitária flor de jasmim.

8 da noite.
Eu devia estar escrevendo, mas é que as mudas me enfeitiçaram e me revelaram que aquilo que se faz sem plano, meio que arrastado pela comoção,
é o que é preciso fazer mesmo.

Só fiquei arrependida de uma coisa,
devia ter pedido o endereço do Tico,
e ir até lá,
apreciar as quaresmeiras rosas e roxas intercaladas, conforme ele disse.

Depois volto ao teatro e pergunto onde mora

COPO DE ÁGUA FRESCA

Fui recebida na óptica por uma mulher risonha. Encantou-me sua gentileza.
Entrou uma senhora com sede, a atendente não somente serviu um copo fresco como ofereceu-lhe cadeira e descanso.

A conversa aconteceu sem esforço e, no meio do assunto, contou-me que eu era uma de suas primeiras clientes. Os gestos dela eram de quem sabe e gosta de cuidar.

Ficamos amigas, ali mesmo.
Sentindo-se à vontade, confessou-me que se esforçava no novo trabalho, mas a vocação era outra.
- Qual?
- Medicina!
- Pretende estudar?
- Não, já formei.

Veio de Cuba. Casou, fez vida aqui.
De um dia para o outro, acabou o programa que a trouxe.
Ficou sem trabalho e espera há anos a validação do diploma.
Sem promessa.

O marido ainda termina a faculdade e ela paga as contas com a comissão das vendas.
Revelou que seu sonho sempre foi visitar nossa terra.
Esse país quase continente que ela considera uma riqueza.

Não entende nosso desinteresse.
Disse que somos um povo sem heróis ou heroínas,
sem história,
diferente dos cubanos.

Deseja visitar o Brasil inteiro,
saber mais de nossa cultura, de nossos costumes.

Quer exercer a medicina, aliviar dor de pessoas, porém, ainda se ressente do preconceito recebido.

Por mais médicas como ela.

CAIO

Raspa de brigadeiro daquela bem grudada na panela!
Meio escritor, meio músico, meio desenhista, meio filósofo, eu diria que ele é um Esmudesófilo.

Tem muito pensamento e passa horas construindo curiosidades sobre assuntos misteriosos e importantes.

Dia desses resolveu matutar porque as pessoas dão risada… Misturou pensamento com emoção e formulou a teoria de que gargalhar serve para soltar a felicidade, sem o riso, explica ele, é perigoso explodir.

Esparrama palavras generosas e autênticas.
Tem criatividade infinita.
Seguro e sem meio termo, viveria de chocolate, cenoura e amendoim.

O menino das hipérboles, eleva tudo à décima potência para não restar dúvidas da grandeza de seus sentimentos.

Quer ser professor, só para fazer valer a regra de colocar para fora da sala o aluno sem respeito.
Sonha com um mundo melhor e se esforça por isso!
Todo mundo ama o Caio. E eu, mais ainda!

LUCAS

Chegou ligeiro à terra, tinha pressa de viver.
Intenso, alegre, sonoro.
Tem um brilho de dobrar a esquina.
Transborda existência.
E compartilha em voz (bem) alta tudo o que pensa, ouve, vê e lê.
De tanto persistir e acreditar, sempre faz acontecer.
Livre e sonhador, um dia ainda pisa descalço na lua!
Amo muito tudo isso!

THIAGO

Até que tenta ser discreto,
mas com sutileza sofisticada,
nunca passa despercebido.

Arrasta suspiros onde quer que esteja.
Economiza certeiras palavras para dizer o essencial.
e sempre surpreende, porque tudo nele é talento!

De imaginação descontrolada,
vez ou outra finge silêncio.
Prefere gastar pensamento e observação.

Perspicaz, sensível e elegante,
impressiona com sabedoria,
presença de espírito
e senso de humor deliciosos.

Amigo de toda (e qualquer) gente.
Exibe um dos sorrisos mais sedutores que já vi.
O menino de longas narrativas, das piadas na ponta da língua, dos mirabolantes faz-de-conta e da melhor companhia.

Amor imenso que me encanta de força e arte!

MUDAS DE IPÊ

Três mudas de Ipê para três filhos.
Recebidas há um ano de igual produtor.
Com aparências semelhantes,
mediam todas um metro e meio.

Foram plantadas no mesmo dia,
nutridas do mesmo solo,
banhadas na mesma chuva,
sujeitas às mesmas tempestades,
acalentadas pelo mesmo sol

Porém,
uma floresce,
a outra dá fruto,
a terceira só cresce.

Como era de se esperar,
Cada qual se faz a seu modo.

OITENTA TIROS

- Oi?

- Tenta!

- Oi?

- Tenta!

- Oi?

- Ten... Ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta ta...

- Ops, foi engano!

- Acontece.

- Mas era pai de família...

- Não da minha.

ESTAÇÃO

Primavera árida, flores secam.
Tomara, no verão, chova amor.
Minha prece - sinto pressa.

8 DE MARÇO

Mais comiseração que comemoração.

Mais fresta que festa.

Mais dor que flor.

PESO DE MULHER

Sentadas, aguardávamos a chamada da senha.

Ela, mascando chiclete, enrolava ansiosa a primeira colocação, enquanto eu, invejosa, alisava na unha o segundo lugar.

O moço voltaria em um instante.

Tempo longo o suficiente para evitarmos olhares.

Tínhamos urgência e não queríamos assunto, mas o minuto do moço era bem sossegado e, na agonia da espera, a mulher se adiantou:

- Vai fazer matrícula?

- Não, não... Irei cancelar. Há meses que eu pago sem nunca ter vindo.

- Começo semana que vem! Preciso perder peso!

Contou-me do divórcio recente, da procura atual por emprego, das netas pequenas em casa, dos lençóis ainda a lavar, da mistura que não podia comprar, do abandono da família, da geladeira que ficou com ele, da calça jeans sem botão, da goteira sobre o tapete, do amor que tem pelas plantas, da menopausa precoce, da falta de ter com quem falar.

E terminou:

- Aquele infeliz! Trocou-me por uma feiosa, mas (mais?) magra!

O instante do moço esgotou.

A mulher fez matrícula na hidroginástica, na musculação e no alongamento.

Antes de sair, cuspiu o chiclete e sorriu.

Um riso assanhado, espalhado.

Depois, despediu-se de mim em apelo:

- Venha na musculação, só até o final deste mês, para não perder dinheiro à toa!

E foi no supino que terminei a prosa com ela:

- Precisa de academia não. Gaste o salário em batom, daqueles bem vermelhos!

RUGAS DE PREOCUPAÇÃO

Os pés de galinha não me aborrecem,
recordam alegria.

As mechas brancas no cabelo,
até que me caem bem.

Os vincos do nariz,
sinalizam a estrada do riso.

Os quilinhos a mais,
trazem maciez aos dias esguios!

Agora,
as linhas de expressão que encontrei entre as sobrancelhas,
essas eu não queria.

ROSA É ROSA, AZUL É AZUL

Ah! As metáforas. Nem sempre poéticas.

Para alguns,
do mesmo jeito que
rosa é rosa e azul é azul,
preto é preto e branco é branco.

São pré-conceitos.

Depende,
Depende do que?
Depende do jeito que se vê.

Afinal,
Em terra daltônica
Quem vê cores
(A)colhe rosas azuis

Tantas
Contradições
Tantos
Com tradições
Quantos
Contra diz são?

RETRATO DE MARIA

Foi na fila do açougue do mercado.
Dona Maria, que eu nunca tinha visto, estava à frente - de trança comprida, oncinha na estampa e sandália de dedo dourada.

Na espera da vez, com cesto de compra pesado no braço, pediu à filha buscar detergente. A menina torceu o nariz e saiu arrastando chinelo.
Dona Maria virou para trás e, desse jeito, me disse:
- Dia desses ainda meto o pé na lata e zarpo fora.

Antes que eu reagisse, falou mais:
- Fugi de casa uma vez. Não aguentei o marido manguaça. Juntei trezentos reais e fui morar na praia, sozinha. À noite cuidava de idoso e, de dia, vendia coxinha na areia do mar.

Ensaiei dizer algo, mas Dona Maria seguiu:
- Na casa onde lavo roupa a patroa me oferece refrigerante, que eu não tomo, para não estufar a barriga. Sou vaidosa, mas todo mundo diz que eu era mais bonita quando vivia no litoral.

Tirou o celular do bolso e me mostrou sua imagem de lá - óculos de sol espelhado, boca rosada, cabelo solto, louro de maresia.

E no instante que eu ia falar, enquanto ela se admirava na tela,
a menina voltou e colocou os produtos no cesto.
Dona Maria tinha mais a segredar. Pediu à filha buscar um biscoito, mas a menina não quis.

Ficamos um tempo em silêncio.
Dona Maria era a próxima a ser chamada e, antes de ir, lançou-me um olhar cúmplice de quem sabia o que eu tinha a dizer:

- Estava mesmo deslumbrante naquele retrato, Maria!

SANTA DO CHAVEIRO

- A senhora é católica?

Perguntou-me a moça enquanto eu acomodava a bagagem no porta malas, minutos antes de fechar a conta da hospedagem.

No dia anterior havíamos nos apresentado na copa,
onde éramos só nós duas,
eu de vestido e ela de uniforme do hotel.

Às seis da manhã a conversa chegou de bocejo.
Falamos de tudo, na confiança de que as xícaras, os pães e a geléia guardariam sigilo.

Soubemos dos filhos, dos maridos, até das sogras e dos sogros. Aprendemos os nomes dos cachorros, as comidas prediletas, as manias indecentes e os desejos impossíveis.

Despedimo-nos em abraço apressado e seguimos,
eu para a sala de aula e ela para a cozinha.

Agora estava ali, disfarçando algo nas mãos.
- Sou católica sim (respondi, mesmo não sendo)
E ela me presenteou com um chaveiro de Nossa Senhora (trazido de Aparecida do Norte).

- É para lhe proteger na viagem.
Dessa vez, o abraço foi sem compromisso e cheio de demora.
Enrosquei a Virgem Maria na chave do carro e,
a despeito do sentido da imagem,
a santa me acompanhou e me uniu à moça em comunhão.
Que assim seja!

CIRANDA

De repente, o círculo se forma e,
sem escolher ou conhecer quem ficou a nosso lado,
estendemos a mão.

Neste momento,
entramos gentilmente no universo de outras pessoas.
Com permissão,
conduzimos ao mesmo tempo em que somos conduzidos.

Ninguém se sobressai,
porque cada passo só é possível
se sincronizado com o caminhar
de quem vai à frente
e de quem vem atrás.

No giro, os olhos miram os pés
e isso muda naturalmente nossa percepção.

Que falta fazem as brincadeiras de roda,
especialmente aquelas de dizer um verso bem bonito.

TIA LURDINHA

Primeira professora que guardo lembrança.
De coque elevado e bordado na gola.

Cantava poesia,
dedilhava romance,
inventava baile nos eucaliptos do pátio.

Seu violão ensinou que…
brandas palavras,
entoadas em soprano,
transformam:

Escolas em templos,
aulas em oração,
crianças em compaixão.

E fazem do mundo, procissão.

VALE NADA ESSA VALE

Lá se foi,
a vida toda pro vale.
Por ganância
vale nada essa Vale.

Vela acesa,
por favor leva embora
o gosto amargo do rio

E traz o leve
que lave a alma
que afaste a lava
deste solo varonil.

ERA ABRIL, ABRIU

Aquela muda roubada
do jasmim manga da praça
fez bela primeira florada.

07hs. (telefone)
- Dna. Cinthia, minha mãe passou mal esta noite, não vai poder ir.
- Sem problemas, se precisarem de algo é só me avisar. Melhoras a ela!
- Ai meu pai! Criançada, coloquem o chinelo, a mãe vai pegar uniforme lá no fundo e vamos pro consultório.

08hs. (consultório)
- Olha, aqui tem bolacha, todinho, não vão ficar fazendo barulho, o papai está atendendo, a mãe vai trabalhar e logo estou de volta. Caio obedece o Lucas e Lucas cuida do Caio.
- Tá mãe.

12hs. (consultório de novo)
- Oiiiii, cheguei! E aí? Tudo sob controle?
- Sim mãe.
- Nossa, quanto farelo de bolacha no chão!
- Foi o Lucas.
- Não, foi o Caio.
- Ok, ok, me ajudem aqui por favor.
- Mas foi o Lucas.
- Não Caio, foi você.
- Não interessa quem foi, me ajudem por favor.
- Foi você Lucas.
- Ôooo mãããããe, ele tá me irritando.
- CHEGA! Já acabou Nel?
- Sim, vamos almoçar?
- Pode ir a alguma lanchonete com os dois enquanto eu vou buscar o Thiago na escola.
- Mas não está na hora ainda.
- Depois não vai dar tempo!

12:20 (colégio)
- Pô mãe, valeu, me salvou da aula de português, o que tá rolando?
- A Cris está doente, vamos precisar comer em algum lugar hoje.
- Aí, legal.

12:40 (em casa)

- Sem enrolar, a mãe e o pai têm que voltar rápido.
- Mãe, corta o bife?
- Mãe, põe suco?
- Mãe, passa o sal por favor?
- Pô filho, liga o desconfiômetro. Você sempre derruba alguma coisa.
- Foi mal pai!
- Mãe, hoje eu vi uma assim... Quem somos? Professores. O que queremos? Entrega de trabalhos. Quando queremos? Todos os dias.
- Hahahahahaha.
- Senta direito Lucão, para de saracotear na cadeira!
- Calma pai, estou só me arrumando.
- Tem outra assim mãe… Um casal de namorados. Amor, quero ver o amanhecer. Acorda cedo então.
- Hahahahahaha.
- Fecha a boca pra comer Caio!
- Como ele vai colocar a comida na boca fechada Nel?
- Hahahahaha
- Mãe, não quero mais.
- Só mais dois pedacinhos de carne.
- Tem outra assim... Quem somos? Mães. O que queremos? Pedir coisas para os filhos. E quando queremos? Quando eles estão jogando vídeo game. Bem assim né mãe?
- Pessoal, vocês ouviram sua mãe falar que estamos atrasados?
- Nel, tem que pagar o violão hoje.
- Tenho só cinquentão.
- Filho avisa o Thiaguinho que na próxima semana damos o resto.
- Mãe, você comprou o presente do Matheus?
- Ai filho, é hoje o aniversário né?
- Todo aniversário você esquece mãe.
- Nel, vou esperar lá fora com eles. Tchau Thi.
- Pô mãe, eu vou a pé?
- Filho?
- Tá boooom.

13hs. (na rua)

- Nel, acabei de lembrar que o Caio precisa levar um mamão papaia e um litro de suco pra escola hoje.

- Corre lá que eu vou passar no banco rapidinho e nos encontramos na porta do varejão.
- Crianças, vocês vão com o pai ou comigo?
- Eu vou com a mamãe
- Eu também.
- Acelera turminha, estamos atrasados!
- Mãe, não vai esquecer que esta sexta tem minha troca de cordão na capoeira da escola.
- Tem também a minha apresentação da feira de ciências.
- Então… Vai ser no mesmo horário, vamos ver como fazer.

13:10 (no varejão)
- Meninos, escolham lá o mamão pra mãe que eu vou ver se tem suco.
- Tá bom esse mãe?
- Esse tá, mas esse aqui tá meio amassado.
- Foi o Caio.
- Não Lucas, esse quem escolheu foi você.
- Caio, você que pegou esse aqui porque tava bem amarelinho.
- Huuum adoro mamão amassado! Vamos porque o pai já deve estar lá na frente.

13:20 (no carro)
- Deu certo lá no banco Nel?
- Mais ou menos.
- Não esquece de marcar na agenda que sexta tem apresentação, cada um vai ter que ficar em um sala.
- Precisa lavar a calça da capoeira.
- Hoje à noite faço isso e vou aproveitar cozinhar feijão pra amanhã também, vai que a Cris não venha.
- Deixa que eu lavo quando chegar. O feijão não consigo. Ah! E, se você passar na biblioteca, veja se chegou meu livro.
- Pega um pra mim também mãe.
- Pra mim tambéééém!
- Também quero!
- Tá, vou tentar.
- Vamos meninos, desçam do carro. Boa aula amores.
- Aonde você vai ficar Cintchuca?
- Na UBS Nel, todo dia você pergunta.
- Você muda a cada semana!

- Hoje à noite tem aquele show lá no teatro, não esquece.
- HOJE?
- É, eu já comprei a entrada, eles vão curtir.
- Que horas?
- Às oito, antes preciso passar no mercado, pode deixar que levo os meninos e depois passo te pegar.
- Será que dá tempo de eu jogar tênis?
- Você é quem sabe.

13:30 (Na UBS... toca o celular)
- Mãe, eu cheguei em casa e estava sem chave, fui pro consultório e o pai está sem chave também, tá tudo no carro com você, o que faço?
- Ai filho, veja com seu pai aí, a mãe está com paciente agora.
- Ahãm.

13:40 (o celular de novo)
- Cintchuca, o meu pai está indo levar o Thiago aí para pegar a chave com você.
- Uhum. To atendendo Nel.

13:50 (o mesmo celular)
- Mãe, eu e o vô não achamos seu trabalho, fui pra casa, pulei o portão, mas a porta estava fechada também, e agora?
- Passa o telefone pro vô filho.
- Oi Seu Nerso, tudo bem? O posto de saúde fica na rua da Santa Casa.
- Eita, mas vocês precisam ensinar melhor esses meninos. Estão perdidos na mão sua e do Nelsinho.
- Espero o senhor na porta da entrada.

13:51 (celular)
- Oi Thiaguinho, é a Cinthia, mãe do Thiago. Tudo bem? Ele não está em casa agora, dá pra fazer a aula de violão mais tarde?
- Sem problemas, passo lá às cinco.

16:55 (telefone)
Oi Dna. Cinthia, tudo bem? Aqui é a Jaque do consultório do Dr. Nelso.
Oi Jaque. Aconteceu algo?
Estão tentando falar com você no celular, mas só dá ocupado. Parece que o Caio está com febre lá na escola.

- Entendi. estou quase terminando. Daqui a pouco chego lá. Liga de volta e pede para darem umas gotinhas de Tylenol pra ele por favor.

17:05 (batem na porta)
- Senhora? Sou a Márcia, tenho horário agora às cinco, vai demorar ainda?
- Desculpa, só um minutinho por favor, já lhe chamo.

17:06 (celular)
- Oi, aqui é a Cinthia, queria saber se o livro 5 das Crônicas de Gelo e Fogo chegou.
- Ah, sim, está aqui reservado pro seu marido e chegou o do seu filho também.
- Obrigada, vou buscá-los ainda hoje.
- Pode entrar Márcia, por favor.

17:30 (celular de novo)
- Oi Cinthia, aqui é da escola. O Caio está chorando de dor de cabeça.
- Já estou indo.
- Desculpe, terei que terminar mais cedo hoje. Podemos remarcar para amanhã?

17:40 (no colégio)
- FILHO! Como você tá quente... Dá para aguentar um pouquinho? A mãe vai só passar na biblioteca rapidinho e já vamos para casa.
- Dá sim mãe.

18hs. (celular mais uma vez)
- Nel, tô indo pra casa, já peguei as crianças na escola. O Caio está com febre.
- Nooosa! Ele tá muito mal?
- Dormiu no carro.
- Acho que então eu não vou jogar tênis hoje.
- Ok.
- Já chego.
- Tá.

18:20 (no portão de casa)
- Êêêêê mãe, demorou hein?
- Vai Thiago, ajuda a mãe aqui.

19hs. (em casa)
- Cintchuca, que cheiro de queimado é esse?

- Ai Nel, deu tudo errado, já estou na terceira tentativa do feijão. A primeira queimou, a segunda virou papa e agora não consigo dar pressão na panela.
- Mistura a papa com esse aí durinho que fica bom. E o Caio? Melhorou?
- Dormindo ainda.
- Ah! Talvez não dê para eu ir ao teatro então.
- Sim, é bom ficar com ele.
- Vai passar a final do tênis na TV.
- Fica aí Nel. Eu vou, as crianças vão curtir.
- Ah sim, com certeza. Vão lá.

20hs (no teatro)
- Vamos pessoal, corram que a Tia Cássia já entrou na fila.
- Oi Tia Cássia!
- Oi galeraaaa! Tchanaaaammmm... Preparem-se porque o ar condicionado do teatro está quebrado! Uhhuuuulll.
- Nossa amiga, sério?
- Sério.
- Mãe, tô com sede.
- Cássia, você entra com eles? Eu vou ali comprar água e já volto.
- Aff, isso aqui tá muito quente.
- Não vai começar mãe?
- Calma filho.
- Pode tirar a camisa mãe?
- FILHO?
- Tô suando.
- Olha lá! Vai começar.

.

.

.

- E aí meninada? Valeu?
- Ah, até que foi legal mãe.
- Falei que vocês iam curtir. Eu amei!
- Ahãm.
- Até amanhã amiga. Falem tchau pra Tia Cássia.
- Tchaaau.

21:10 (em casa)
- Oi Nel, quem ganhou?

- O Federer. Jogaço! Fiquei aqui tomando uma cervejinha, curtindo esse ventinho. Delícia! E lá?
- Legal, as crianças amaram.
- Tô derretendo até agora mãe.
- Vem cá Lucão, deita aqui com o papai.
- Chegou na hora certa Thiagão, vai passar os melhores lances do jogo.
- Noooossa, que massa pai!
- Nel, cadê o feijão?
- Tá na geladeira, misturei tudo.
- Você já olhou o caderninho das crianças pra ver se tem lição?
- Não!
- Olha aqui o que a professora escreveu. Tem que montar um bilboquê com duas garrafas pets para o Caio levar.
- Deita um pouco, amanhã antes da aula resolvemos.
- Bom, você faz então.
- Faço. Do meu jeito!
- Huuum, aqui tá fresquinho mesmo!
- Fala sério, melhor que o teatro!
- Beeem melhor pai!
- Quer saber? Vou dormir, tô cansada.
- Xiiii, a mamãe ficou brava.
- Boa noite queridos.

00h
- Neeeel? Você está acordado?
- Agora sim.
- Será que a Cris vem amanhã?
- Descansa! Se ela não vier, já temos feijão.

PRESENTE DE VIZINHA

Minha vizinha é um presente.
Tagarela, baixinha, risonha, briguenta, casada, mãe de duas meninas, dona de um restaurante e amante dos bichos.

Na semana em que me mudei ao lado dela, conversamos no portão sobre cachorro, gato, coelho, passarinho, peixe, formiga e pernilongo.

Ela contou-me que já havia tido tudo quanto era bicho, inclusive um hamster fofo que se exercitava à noite na gaiola. E, já na semana seguinte, convidou-me para seu aniversário. Seguindo a política de boa vizinhança, aceitei.

Pensei na conversa que tivemos e imaginei um presente que demonstrasse meu apreço por ela. Como não havíamos falado de perfumes, chocolates, lingeries, porque não um animalzinho?

Uma tartaruga seria bacana. Não encontrei à venda. Cachorro e gato parece muito pessoal. Prender passarinho e peixe tenho dó. Coelho foge e faz caca.

Aaaaah! Talvez eu pudesse consertar a perda que ela sofreu quando o hamster morreu. Soube que ele era meigo e manso e que a família ficou super triste quando ele partiu. Resolvido!

Liguei na loja e fiz a encomenda. Gaiola? Não precisa, a vizinha ainda deve ter uma guardada na garagem.

Blim, Blom! Chegou o homem com uma caixinha na mão toda esburacada. As unhas afiadas do bicho esfolavam o papelão sem parar. Passei um laço de fita vermelha em volta do embrulho e fui me arrumar.

Entrei no banho e me esqueci no chuveiro…
Até baterem à porta:

MÃE! O rato fez um buraco na caixa!

No tempo de me enrolar na toalha e chegar à sala ele fugiu e o pânico tomou conta. Enquanto os meninos escalavam as paredes o marido agarrou-se a um rodo próximo e o lançou na barriga do rato. Não houve morte, só a contenção do bichinho, gentilmente colocado em outra caixinha.

Fomos para a festa - eu, o filho de quatro anos e o bebê recém-nascido.

Já no portão entendi que o evento era sofisticado. Faixas de cetim brancas, arranjos de copos de leite e tochas acesas formavam o caminho da recepção. Sobre uma mesa farta de queijos, patês, torradas e vinhos - um candelabro aceso.

Na entrada, alguém para receber o presente!!! Recusei-me a entregar, fazia questão de dar em mãos para a aniversariante!

Eu vestia Jeans, uma camiseta branca manchada de leite e tênis. No cabelo, duas presilhas - uma de cada lado. Nas mãos - o pote!

- Mãe! Você vai dar este rato?
- Vem filho! Não fala nada!

Entrei, cumprimentei a aniversariante e entreguei o pacote! Ela sorriu e começou a despregar os durex com desconfiança.

Aconteceu o esperado. Ao abrir a tampa a vizinha deu um berro e atirou o rato nas alturas. Todos, sem exceção, me olharam, depois correram para bem longe. Nos desculpamos uma à outra, totalmente embaraçadas.

Sentei com os meninos em uma mesa escondida e fiquei até o bolo.

No dia seguinte, nos cumprimentamos no portão.
Desta vez, sem palavras.

DE GRAÇA

Abri o caderninho de recados de meu filho e lá estava o bilhete: *Presente de dia das mães: uma hidratação no André Cabeleireiros.*

Nunca combinei com salão. Fui à manicure pela primeira vez na formatura da faculdade e só fiz maquiagem profissional em meu casamento. De lá para cá - corto o cabelo.

Sinto certa aflição da conversa: unhas, corpo, dieta, pele. Ai, ai, ai. Se você tenta escapar precisa recorrer às revistas de vida alheia. Não rola! Tive notícia de que o salão era elegante, o que aumentava minha palpitação.

Por outro lado, pensando bem, de graça. Que mal tem?
Agendei a hidratação:

- André cabeleireiros, bom dia.
- Bom dia, aqui quem fala é a Cinthia, vocês não me conhecem, só estou ligando porque recebi um recadinho da escola do meu filho sobre a hidratação.
- Ah, sim minha flor. O presente de dia das mães da escola!
- ISSO!
- Quer marcar pra quando?
- Pode ser sábado?
- Marcadinho! Te espero coração!

Cheguei ao salão acanhada e notei um estranhamento à minha presença. Anunciei meu nome e a moça não o encontrou na agenda. Era evidente que eles não estavam esperando que alguém tivesse a coragem de utilizar aquele presente.

- Você tem certeza que ligou para marcar?
- Sim.
- Vamos lá então.

Caminhamos até o lavatório e iniciamos a sessão caladas. Fiquei contando os azulejos da parede. Eram azuis com umas florzinhas marrons bem pequenas.
A mocinha foi pegar os cremes.

Colocou touca de isopor, depois secou o cabelo e fez chapinha e lavou de novo e jogou mais creme…

Passadas duas horas de tratamento e mal estar, meu cabelo ficou pronto e bem bonito mesmo.

Segui para o caixa, peguei a bolsa, enrosquei no zíper, abri, vasculhei e alcancei o bilhete da escola. Entreguei à moça que fez uma leitura silenciosa e passou o papel que seguiu de mão em mão sem ninguém dizer nada. Até que o dono do salão se manifestou:
- Moça?
- Pois não.
- Parece que houve um engano.
- Como assim?
- Eu não sou o André.
- Não entendi.
- Você errou o salão.
- (Todos, menos eu) Hahahahahahahaha.
- Sem problemas, eu pago.

E paguei. Depois saí, entrei no carro e, antes de virar a chave, estiquei o olho no letreiro do vizinho: André Cabeleireiros.

Não errei tão feio assim. Acontece!

O PEIXE

Éramos recém casados e nosso primeiro dia dos namorados se aproximava.
Nada de meias, camisa, caneta, carteira.
Porque não um peixe? Achei que seria original.

Na loja havia uma incrível variedade de cores, tamanhos, espécies, mas apaixonei no peixinho solitário: o Dê!

Enfeitei uma caixa de vidro (que serviria de aquário) com fitas isolantes coloridas para valorizar o presente e combiná-lo com as almofadas da sala.
No cartão, a frase:
Nosso amor vive até embaixo d 'água.

Dê era pacato. Assistia a filmes conosco e perambulava em círculo o resto do tempo. Quando cansado, boiava e admirava a porta da cozinha.

Um dia o percebemos mais gordo. Suas nadadeiras mal se moviam e ele afundava no aquário. Já era tarde da noite. Fomos deitar aflitos.

Ajustamos o relógio para despertar às 5:00 do dia seguinte com o plano de devolver o peixe ao rio.

Pela manhã, o Dê ainda respirava, acomodamos o aquário no colo e guiamos até um córrego perto de casa.

Era verão e ainda estava escuro. Saímos do carro e descemos pela margem com cautela. Eu, apoiada nos galhos e Nelsinho com o balde nas mãos.

Pensamos em tudo, só não calculamos a lisura da havaiana... Não resistiu à primeira pisada de lama. Eu me segurei nas árvores, mas Nelsinho escorregou desvairado, levando chumaços de mato entre os dedos. E lá se foram - ele, o balde, as havaianas e o peixe.

No carro, nenhum comentário. Forramos o banco com o tapete de borracha do chão e voltamos para casa mudos e ensopados, com a certeza de ter dado uma morte digna ao nosso peixinho!

FLASHDANCE

Estava na rua quando me deparei com um folheto: *Escola de Bailado – Inscrições abertas*.

De repente, flashback.

Fiz aula de Jazz dos onze aos catorze anos. Na época, eu era louca por dança. Nunca consegui abrir espacate, mas gastei boa parte da juventude alongando a virilha.

O panfleto anunciava vagas em várias modalidades: Balé, Sapateado, Dança de Rua e Jazz.
Aos 40 anos pensei que seria uma boa chance de requebrar a vida!

No mesmo dia lá estava na secretaria da escola. Ensaiei para entrar na fila, olhei ao redor, havia algumas senhoras como eu, provavelmente inscrevendo suas filhas!

Não perguntei nada, não conversei com ninguém, apenas preenchi o formulário e saí com um papel que indicava o dia da prova prática. Mantive sigilo.
Ninguém precisava saber.

No dia da avaliação tomei um suco de laranja, comi uma fatia de torrada com queijo branco, vesti roupa de academia e penteei o cabelo com um rabo de cavalo bem no alto da cabeça. Montei na bike e avisei a família:
- Vou dar um rolê, já volto.

Desci a ladeira até a escola de bailado a milhão. Sensação inexplicável, intensa, vibrante! Deixei a gravidade me levar.

Cheguei! Procurei alguém com mais de quinze anos para encostar. Nada! Parei na fila e aguardei a chamada!

Da rampa desceram três moços com trejeitos e calças folgadas. De repente chamaram meu nome:

SALA 4, piso superior, terceira porta à direita.

Acompanhei o fluxo. Entrei na sala onde já havia umas meninas que se alongavam na barra lateral. À frente, um espelho que escancarava os culotes, o lombinho da nuca e a massinha da cintura.

No canto, quatro examinadores. Um deles deu início ao ritual. Primeiro seriam os exercícios de alongamento, depois coordenação e por último improvisação e criatividade.

Prova nº 1: alongamento.
- Sentem-se, agora alonguem o tronco sobre a perna e segurem a ponta dos dedos com a mão. Maravilha meninas! Agora deitem e estiquem a perna segurando o dedão do pé. Abram as pernas o máximo que puderem. Isso, muito bem! Hora de levantar e levar a mão até o chão. Ótimo!

Prova n º 2: coordenação.

O instrutor executou um movimento no ritmo da música ao que deveríamos imitar. Saímos em blocos de três andando até o espelho, ora batendo palma e levantando uma só perna, ora virando a cabeça para o lado esquerdo, estalando os dedos do lado direito e levantando os joelhos alternadamente, ora levantando um braço de um lado e a perna do outro.

Prova nº 3: improviso.

A instrução era para dançarmos livremente.
Soltaram a música. Agachei e levantei o braço na cadência dos metais. Quando a bateria entrou, ergui o tronco e embalei no compasso das baquetas. Passo, contratempo, passo contratempo, braços para frente, pernas para o alto, giro, cabeça para baixo e desce e sobe e saracoteia. Ao final da música, abaixei e inclinei a testa nos joelhos. Foi o que me ocorreu na hora.

Durante a atribuição de notas, as garotas se aproximaram e me parabenizaram por minha intensidade. Trocamos endereço de e-mail e fizemos amizades divertidas. Peguei carona com uma delas que se corresponde comigo até hoje.

O resultado veio depois de uma semana.
Passei, ou melhor, passamos todas!

Na semana seguinte, outro resultado: estava grávida de dois meses do meu terceiro filho.

Dancei! E danço até hoje…
A melhor coreografia de minha vida,
com o mais belo trio de bailarinos.

Jasmim Manga
DA PRAÇA

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2024

Jasmim Manga

DA PRAÇA

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2024